**ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NO MUNICÍPIO DE PARANAGUÁ.**

 Kelry Luci Cardoso de Freitas – (Unespar)

Unespar/*Paranaguá*, kellucifreitas@gmail.com

Danielle Marafon

Unespar/Campus *Paranaguá*, danielle.marafon@unespar.edu.br

Modalidade: PIBIC

Programa Institucional: ProgramaIniciação Científica

Grande Área do Conhecimento: Educação

**INTRODUÇÃO**

Esta proposição buscou analisar e aprofundar os estudos sobre o processo inicial da alfabetização e do letramento no município de Paranaguá, em especial discutir quais as concepções das professoras alfabetizadoras sobre a leitura e a escrita iniciais e a compreensão e repercussão dessas concepções nas suas práticas diárias. A fecundidade desta proposta de pesquisa encontra-se, particularmente, na forma de compreender a relação entre, teorias e práticas. A rigor, partimos do pressuposto de que são aspectos indissociáveis (práxis) do processo de alfabetização e letramento, articular a teoria e a prática no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, a preocupação em problematizar a relação entre as concepções de alfabetização e letramento no processo educativo constitui-se como aspecto fundamental no decorrer da pesquisa.

O final do século XX foi um período de descobertas. Começa-se a ter consciência de que não basta somente alfabetizar, mas que é preciso viabilizar as pessoas a oportunidade do contato com as diversas práticas sociais de leitura e escrita. Isso mudou no século XXI, quando esse conhecimento passou a ser exigência, ou seja, o mundo letrado moveu-se para a escola, passando a fazer parte da alfabetização do novo século, contribuindo para a que a comunicação evoluísse.

Os profissionais da educação então passaram a buscar novas formas para ensinar. Em decorrência disso, a aprendizagem proposta passou a ser a mecânica, fato que foi ocasionado pela angústia da obrigação de se ter que ensinar a ler e a escrever em pouco tempo.

Nesse sentido, Emilia Ferreiro (2003) muito contribuiu para a mudança de postura do alfabetizador, trazendo a este o entendimento de que a alfabetização envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação linguística assim, a autora deixa claro que alfabetizar deixa de ser apenas a apropriação de um código de forma mecânica, mas que esta perpassa esse conceito, necessitando, então, para sua concretização, acontecer simultâneo ao processo de letramento. O letramento é capaz de trazer a compreensão da dimensão sociocultural da língua escrita e do aprendizado. Neste contexto, Tfouni (1995, p. 20) afirma que “o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de uma sociedade”. Afirmando, também, que alfabetizar e letrar necessariamente devem ser simultâneos. Ferreiro (2001) ainda ressalta que o processo de alfabetização não depende somente do alfabetizador, deixando claro que o educando deve reconstruir uma relação entre linguagem oral e escrita para se alfabetizar.

Há de se considerar que uma alfabetização descontextualizada não dá conta de acompanhar as transformações socioeconômicas de um país, uma vez que a sociedade favorece a ampliação e a circulação de várias fontes e tipos de textos. Portanto, cabe ao professor, ao fazer uso dos instrumentos e objetivos da educação, favorecer aos alunos a possibilidade de preparação para essa dinâmica social.
 Reconhecemos então que uma das funções da escola hoje é alfabetizar os alunos em um contexto letrado, ou seja, um contexto que envolva as práticas sociais de leitura e escrita. Com essa aprendizagem, os alunos tornam-se usuários da escrita em suas diferentes funções sociais, mesmo não estando ainda alfabetizados. Nessa perspectiva, a aprendizagem deixa de estar centrada nos processos de codificação e decodificação do sistema. Assim, a alfabetização é uma atividade pedagógica, inserida no processo de ensino-aprendizagem, onde o estudo de línguas passa a ser necessário para que a leitura e a escrita sejam compreendidas de forma mais significativa para o educando. Alfabetizar é, pois, um processo de integração humana que tem por finalidade maior promover a inclusão de todo ser humano no universo da linguagem.

 É preciso criar no espaço da sala de aula um ambiente letrado, onde a criança não veja apenas as letras do alfabeto, mas se veja envolvida diariamente e, constantemente, com a linguagem escrita, mesmo que ainda não saiba ler e escrever convencionalmente. A metodologia utilizada deve conceber a criança como um sujeito ativo, participativo, crítico, que constrói seus conhecimentos por meio de relações entre criança/criança, criança/adulto, criança/meio social e criança/objeto.

No entanto, sabe-se que para garantir o processo de alfabetização em uma perspectiva de letramento, as práticas pedagógicas precisam estar organizadas em torno do trabalho com diferentes linguagens, gesto, fala, desenho, escrita, música, dança, por se constituírem como processos comunicativos que permitem a apreensão e construção de significados.

Especificamente cabe ao professor, possibilitar a inserção da criança no universo da linguagem escrita que exige um grau de abstração maior do que as outras formas, por tratar-se de uma representação de segunda ordem. Deve-se compreender a escrita como a representação da fala, que por sua vez já é a representação do mundo físico e abstrato. A escrita não está ligada ao desenvolvimento humano, e sim a aprendizagem, pois diferentemente da fala que é adquirida nas relações sociais, a escrita só é adquirida a partir de um trabalho organizado e sistemático. O trabalho na área de língua portuguesa, no processo de alfabetização, visa à ampliação da competência linguística dos alunos (através de habilidades de ouvir, falar, escrever e ler) para torná-los cada vez mais conscientes e independentes em seu modo de pensar o mundo e atuar sobre ele. Por meio da linguagem, a criança está se constituindo como sujeito.

Neste contexto, o professor é muito mais mediador do conhecimento e isto leva a construção de um saber significativo. O novo professor, exigência da nova sociedade, surge com uma nova identidade, uma identidade de construtor e organizador da aprendizagem, pois ser professor é ser leitor e aprendente, é ser capaz de refletir e adquirir novos saberes. Poersch (1990, p. 37), se referindo ao professor alfabetizador salienta que este profissional deve sim conhecer a língua que ensina.

O alfabetizador é um profissional do ensino de línguas e, como tal, além do domínio e das técnicas pedagógicas deve possuir sólidos conhecimentos linguísticos tanto da língua, enquanto meio de comunicação, quanto sobre a língua, enquanto objeto de análise.

O professor alfabetizador que possui conhecimentos linguísticos tem melhores condições de detectar as dificuldades de seus alunos e realizar um trabalho reflexivo e crítico, onde a língua seja vista como um instrumento de inclusão e valorização de cada aluno presente no processo de alfabetização e letramento. Segundo Magda Soares (2004, p. 47), alfabetização é a “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, ou seja, tornar o indivíduo capaz de ler e escrever é torná-lo alfabetizado. Sob esta ótica é possível afirmar que a alfabetização é um momento único na vida do indivíduo. É o momento em que este aprende a ler e a escrever.

Assim, entendemos que para alfabetizar o professor precisa conhecer a língua que ensina, sua estrutura e seu funcionamento. Para que possa produzir mudanças, ele precisa buscar esse conhecimento e aplicá-lo em sua sala de aula. De acordo com Freire (1987) a alfabetização deve cuidar de libertar o homem de suas alienações.

O letramento tem sido um destaque positivo na constante luta por um ensino democratizante e inclusor. Ângela B. Kleiman, (2004) em seu livro Significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita, trás uma amostra da dificuldade de se definir um conceito ao termo letramento, bem como, um conceito interessante sobre o este termo postulado por Scribner e Cole. Segundo a autora:

 A palavra “letramento” não está ainda dicionarizada. Pela complexidade e variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio, podemos perceber a complexidade do conceito. Assim, se um trabalho sobre letramento examina a capacidade de refletir sobre a própria linguagem de sujeitos alfabetizados versus sujeitos analfabetos (por exemplo, falar de palavras, sílabas e assim sucessivamente), então, segue-se que para esse pesquisador ser letrado significa ter desenvolvido e usar uma capacidade metalinguística em relação à própria linguagem. Se, por outro lado, um pesquisador investiga como adulto e criança de um grupo social, versus outro grupo social, falam sobre o livro, a fim de caracterizar essas práticas, e, muitas vezes, correlacioná-las com o sucesso da criança na escola, então, segue-se que para esse investigador o letramento significa uma prática discursiva de determinado grupo social, que está relacionado ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler ou de escrever. [...] Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos (p. 19).

 Não se pode reduzir a palavra letramento a um único significado, como se os conceitos do letramento fossem únicos, reduzidos, capazes de serem decifrados em códigos binários. Seria, pois, incongruente abordar uma teoria tão extensa, ampla e profunda de forma tão sucinta e rasa.

Nesse sentido apontamos a necessidade de aprofundar os estudos sobre o processo inicial da alfabetização e do letramento no município de Paranaguá, em especial discutir quais as concepções das professoras alfabetizadoras sobre a leitura e a escrita iniciais e a compreensão e repercussão dessas concepções nas suas práticas diárias. Por isso, a preocupação em problematizar a relação entre as concepções de alfabetização e letramento no processo educativo constitui-se como aspecto fundamental no decorrer da pesquisa.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

A pesquisa foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica (obras e leis), bem como da pesquisa etnográfica. Acerca da pesquisa etnográfica, André (1995) assinala que os pesquisadores vêm se interessando pela etnografia desde o final dos anos 1970, haja vista que, no campo educacional, esse tipo de pesquisa vem sendo amplamente utilizada desde a década de 1980, buscando compreender, sobretudo, a prática escolar cotidiana, considerando que muitos trabalhos foram produzidos com a preocupação de descrever as atividades de sala de aula e as representações dos atores escolares.

No contexto das reflexões acerca dos estudos etnográficos importa ressaltar que a etnografia da prática escolar não deve ser concebida como uma simples descrição do ambiente escolar e de aspectos do seu cotidiano, mas como uma descrição articulada com o referencial teórico acerca das concepções relacionadas ao objeto de estudo delineado pelo pesquisador, bem como aos aspectos relativos à dinâmica social e às formas de organização do trabalho escolar, considerando-se que a prática pedagógica revela aspectos de ordem social, cultural, e política, por estar inserida em um contexto social mais amplo que a influência e a determina de alguma forma.

Esse tipo de pesquisa permite, pois, que se chegue bem perto da escola para tentar entender como operam no seu dia-a-dia os mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade e o mundo (ANDRÉ, 1995, p. 41).

Nesta perspectiva, compreendemos ser de fundamental importância desvelar os encontros e desencontros presentes no cotidiano da prática escolar, vinculados ao universo cultural de ocorrência dos fenômenos, cabendo ao pesquisador descrevê-la em suas múltiplas dimensões.

Empreender uma pesquisa etnográfica exige do pesquisador um papel subjetivo de participante e um papel objetivo de observador, conforme afirmam Lüdke e André (1986), notadamente quando o contexto empírico investigado é familiar, necessitando de um novo olhar acerca dos fenômenos, a fim de torná-los estranhos, desambientados, proporcionando, desse modo, a compreensão do comportamento humano desprovida de juízos de valor, visando registrar as impressões observadas no cotidiano tal qual elas ocorrem. De acordo com Bortoni- Ricardo (2005, p. 237),

[...] o objetivo da pesquisa etnográfica de sala de aula é o desvelamento do que está dentro da ‘caixa preta’ na rotina dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se ‘invisíveis’ para os atores que deles participam [...].

Segundo Sarmento (2003), a etnografia tem por objetivo apreender a vida, tal como ocorrida no cotidiano conduzida, simbolizada e interpretada pelos sujeitos sociais nos seus diferentes contextos de atuação. No entanto, não se trata apenas de uma descrição minuciosa dos aspectos socioculturais do contexto investigado, mas abrange, sobretudo, a interpretação e análise desse contexto, a fim de compreendermos a dinâmica social de uma dada realidade, estabelecendo as relações entre o macro e o microssocial, situando as vozes dos interlocutores a partir da ação interpretativa do pesquisador, visando novas formas de assimilação da realidade, na medida em que se percebe enquanto sujeito social ora exercendo influência, ora sendo influenciado pelo campo de investigação.

A investigação foi desenvolvida a partir da observação, em escolas municipais do município de Paranaguá, com professoras dos anos iniciais, sendo que os estudos de Bakhtin (1992), Freitas (1998) Sarmento (2003), André (1995) e Bolzan (2001) serviram como fonte iluminadora para a construção da abordagem metodológica desta investigação, pois esses autores colocam como base em suas pesquisas o processo interativo entre os sujeitos, e a valorização do contexto histórico, social e cultural para a construção do conhecimento.

O trabalho de coleta de dados foi realizado por meio de entrevistas semiestruturadas, diários escolares e observação em sala de aula.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para refletir a partir da pesquisa realizada na escola, é importante apresentar os conceitos da Alfabetização e Letramento, para Miriam Lemle em seu livro intitulado “Guia teórico do alfabetizador" seus apontamentos trazem cinco problemas dos saberes básicos para alfabetização.

O primeiro, O que representa aqueles risquinhos pretos em uma página em branco [...] segundo O aprendiz precisa ser capaz de entender que cada um daqueles risquinhos vale como símbolo de um som da fala [...]
Terceiro, é a conscientização da percepção auditiva. Se as letras simbolizam sons da fala, é preciso saber ouvir diferenças linguisticamente relevantes entre esses sons [...] Quarto, o conceito da palavra [...]
Quinto, reconhecer sentenças (2011, p.5-8)

Ao decorrer do texto a autora sinaliza a importância do aprendiz em ter tido contato com papel, caneta, lápis e borracha para uma pega mais adequada e a organização espacial da página, pois no sistema de escrita a ideia é que as letras dê início da esquerda para a direita na linha e que a ordem significativa das linhas é de cima para baixo na página.
Lemle (2011) relata que ao decorrer do ensino o alfabetizando tem um salto repentino no progresso quando o aprendiz “[...] Capita a ideia de que cada letra é símbolo de um som e cada som é simbolizado por uma letra” (Lemle, 2011,p.11), mas logo vem a descoberta que essa regra não é verdadeira, pois o [s] tem som de [z] o [c] tem som de [s], deixando dúvida nas escritas pelo som dessas letras. Assim como a variação dialética e arbitrária nas relações entre sons e fala.

 Já para Magda Soares no livro "Alfabetização e Letramento" nos apresenta o seguinte conceito,

Alfabetização e Letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que sai processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita - não precede e nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita. (2003, p.27)

 Em termos gerais podemos compreender que alfabetização e letramento são conceitos distintos, porém um depende do outro, Soares (2003) assevera que, em primeiro lugar, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico; em segundo lugar, e como decorrência, a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento - entendido este, no que se refere à etapa inicial da aprendizagem da escrita, como a participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o consequente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes positivas em relação a essas práticas; em terceiro lugar, o reconhecimento de que tanto a alfabetização quanto o letramento têm diferentes dimensões, ou facetas, a natureza de cada uma delas demanda uma metodologia diferente, de modo que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático-particularmente a alfabetização, em suas diferentes facetas-outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças; em quarto lugar, a necessidade de rever e reformular a formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, de modo a torná-los capazes de enfrentar o grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras.

 O professor alfabetizador é o profissional responsável por planejar e implementar ações pedagógicas que propiciam aos alunos o desenvolvimento das habilidades para ler e escrever com compreensão, para isso, a formação dos professores alfabetizadores precisa contemplar conhecimentos sobre os processos pelos quais os alunos aprendem a ler e escrever, as formas de intervenção, conteúdos e metodologias que podem ajudar no trabalho diário.

Portanto, alfabetizar é possibilitar ao educando o entendimento de mundo, já que as práticas de leitura e escrita estão presentes na vida cotidiana e nas interações com os outros sujeitos. Para entender sobre o perfil do alfabetizador é importante contextualizar os conceitos da alfabetização e letramento, já que são termos ligados à prática docente.

Nesse sentido, a formação de alfabetizadores é de extrema relevância, já que sua prática docente se desenvolve em uma fase crucial no processo de escolarização e por isso a formação contínua contribui para um profissional mais seguro e com técnicas atualizadas de um ensino-aprendizagem na hora de lecionar.

O professor alfabetizador é o profissional da educação que desempenha um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Ele é responsável por orientar e acompanhar os alunos no desenvolvimento das habilidades necessárias para compreender e utilizar a linguagem escrita de maneira eficaz.

O foco principal do professor alfabetizador está na etapa inicial da escolarização, quando as crianças estão aprendendo a decodificar os símbolos escritos, a entender a estrutura das palavras e a construir o significado a partir do texto. Nessa fase, o professor trabalha para criar um ambiente de aprendizado estimulante e acolhedor, onde os alunos possam explorar a leitura e a escrita por meio de abordagens pedagógicas adequadas ao desenvolvimento cognitivo e emocional de cada criança.

O papel do professor alfabetizador vai além de ensinar habilidades técnicas; ele também contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação e da expressão pessoal dos alunos por meio da linguagem escrita. Sua atuação é essencial para formar alunos competentes na leitura e na escrita, que serão capazes de compreender, comunicar e participar plenamente da sociedade.

Essa pesquisa teve como método a etnografia, portanto durante os meses de outubro a dezembro de 2022 e fevereiro a julho de 2023 toda segunda e terça-feira, nas aulas de português foi possível observar na prática o desenvolvimento e/ou a falta do desenvolvimento que a vista na teoria.

No ano de 2022 as observações foram realizadas no terceiro ano no ensino fundamental e no ano seguinte acompanhando a turma a observação foi realizada no quarto ano no ensino fundamental. Por ser de costume a rede municipal mantém o mesmo grupo de alunos no avanço do período escolar a pesquisa deu continuidade com os alunos mesmo mudando de professor.

Em conversa com a professora do terceiro ano por escolha própria ela decidiu não acompanhar os alunos para o ano seguinte, sendo assim a mudança de professor mostrou uma realidade de comportamento diferente.

Observando a turma em 2022, foi possível presenciar diálogos, conversas espontâneas, conversas dirigidas, conversas relacionando vida real e vida escolares exemplos do cotidiano para relacionar com as tarefas, enquanto no ano seguinte, após a volta das férias os alunos se mantinham quietos não induziam conversas e nem eram estimulados.

Em entrevista com a professora regente do 3° ano da Escola Municipal pesquisada, localizado em Paranaguá-PR, a mesma relatou a defasagem no aprendizado dos alunos devido a pandemia.

No ano 2023, com outra professora, os alunos chegaram à escola com dificuldades nas atividades e lentidão na execução das mesmas, o que não presenciei no ano anterior. Não podemos afirmar de fato o motivo, se ainda faltava intimidade ou era apenas um recomeço lento, mas de imediato a turma se mostrava desorganizada.

Em relação as atividades desenvolvidas em 2022 e 2023 o que predominava eram com o livro didático, cadernos, xerox de baixa qualidade na impressão e leitura.

Assim que iniciou a pesquisa, a professora do 3° ano estava trabalhando com o livro "Novo Pitanguá”, seguindo com leituras de textos e atividades que se relacionavam entre si, com diversos gêneros textual e atividades que de distribuía por gênero do substantivo, a escrita das palavras com CH, LH e NH e separação de sílabas.

Uma das atividades que nos chamou a atenção foi folhas impressas com atividades que tinha como base o texto "A escola da bicharada" aonde os alunos tinham que responder sobre parágrafos, relacionar nomes com personagens do texto, monossílaba, trissílaba ou polissílaba e finalizando com uma produção textual.

Nesse período de 2023 as observações foram um longo período de revisão com uma sequência de atividades impressas (sendo possível presenciar uma situação em que faltou cópias e a má qualidade da impressão estava tanta que a pedagoga se disponibilizou em encontrar a atividade no Google para melhorar a qualidade das imagens) que deixava a aprendizagem sistemática, entretanto foi possível perceber que os alunos não tinham interesse de aprendizagem, pois a mesma era enfadonha e exaustiva. Portanto ao finalizar as observações foi possível presenciar duas realidades, com os mesmos alunos em anos diferentes sem haver uma lacuna tão grande.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de alfabetização e letramento é uma jornada fundamental na educação, pois envolve a aquisição das habilidades de leitura e escrita, bem como o desenvolvimento de uma compreensão profunda e crítica da linguagem escrita. Esses dois processos estão intrinsecamente ligados, mas têm enfoques distintos que se complementam para formar sujeitos letrados e alfabetizados.

A alfabetização é a base, o ponto de partida. Envolve o aprendizado das correspondências entre os sons da fala e os símbolos escritos (as letras). Esse processo permite que as pessoas decodifiquem palavras e compreendam o significado de textos escritos. No entanto, a alfabetização sozinha não é suficiente para uma participação plena na sociedade, pois o objetivo final não é apenas decifrar letras, mas também entender e usar a linguagem escrita de forma competente.

O letramento, por sua vez, vai além da simples decodificação. Ele envolve a capacidade de compreender, interpretar e usar a linguagem escrita em diferentes contextos e situações. O letramento inclui a compreensão das estruturas da língua, a interpretação crítica de textos, a análise de informações e a aplicação da linguagem escrita em atividades cotidianas e sociais. O letramento permite que as pessoas se tornem pensadores críticos, comunicadores eficazes e participantes ativos da sociedade.

Considerando esses pontos, é essencial reconhecer que o processo de alfabetização e letramento é contínuo e progressivo. Ele não se limita ao ambiente escolar, mas continua ao longo da vida à medida que as pessoas são expostas a uma variedade de textos e situações de comunicação. O papel do educador é fundamental nesse processo, tanto para fornecer as bases da alfabetização quanto para desenvolver habilidades de letramento que capacitem os alunos a navegar em um mundo repleto de informações.

Atividades de alfabetização tradicionais e exaustivas como pudemos presenciar na pesquisa, acaba por tornar esse processo difícil e pouco significativo para os alunos. Embora essas atividades possam ter sido amplamente utilizadas no passado, podemos afirmar que existem abordagens mais modernas e contextuais são mais suficientes para envolver os alunos e promover uma aprendizagem significativa.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar.**Campinas: Papirus, 1995.

BAKHTIN, M. **Marxismo e a filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós cheguemu na escola, e agora?**: sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre:Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, E. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo, Cortez, 2001.

FREITAS, M.T.A.; COSTA, S.R. **Narrativas de professoras: pesquisando leitura e escrita numa perspectiva sócio – histórica**. Rio de Janeiro: Ravil, 1998.

KLEIMAN, A B. **Os significados do Letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita.** 7. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda. 2004. 294 p.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador** - [17 ed.] - São Paulo: Ática, 2009.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação:**abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

POERSCH, J. M. **Pode-se alfabetizar sem conhecimentos linguísticos?** In: TASCA, M; POERSCH, J. M . Suportes Linguísticos para a alfabetização. 2 ed. Porto Alegre: Sagra, 1990.

SARMENTO. M. J. O Estudo de Caso Etnográfico. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M.P.de; VILELA, R. A. T. (Org.). **Itinerários de pesquisa:**perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 137-184.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani.  **Letramento e Alfabetização**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.